Arapuca, mina de ouro ou futuro inevitável? Análise de conteúdo do discurso sobre a educação a distância (EaD) na mídia generalista e setorial do ensino privado[1]

Marcelo SABBATINI[2]
Universidade Federal de Pernambuco
Recife, Pernambuco, PE

RESUMO

Assumindo a premissa de um consenso geral sobre a importância da educação para o desenvolvimento brasileiro, indagamos como o discurso midiático molda a imagem social da educação a distância (EaD), com possíveis usos políticos e/ou retóricos. Através da análise de conteúdo qualitativa, realizada em dois momentos, foram observados textos de revistas de grande circulação, assim como uma revista voltada ao ensino superior privado. O procedimento indutivo, com identificação de códigos, categorizados e agrupados famílias, levou à análise dos enquadramentos, entendidos como formas de direcionamento e de interpretação das matérias. Os resultados evidenciam uma abordagem complacente, com a apresentação acrítica de uma modalidade eficaz, em contraposição a uma visão da EaD como oportunidade de reposicionamento estratégico diante dos desafios do mercado da educação privada.

PALAVRAS-CHAVE: educação a distância, análise de conteúdo, mídia, ensino superior, tecnologia educacional.

O não sentido das coisas me faz ter um sorriso de complacência
De certo tudo deve estar sendo o que é
Clarisse Lispector

INTRODUÇÃO

Situada algumas vezes como promessa redentora dos desafios educacionais brasileiros, ora como incorporadora de todas ações redutoras e controladoras do fenômeno educativo, a educação a distância (EaD) desperta arrebatamentos. Contudo, o potencial de transformação existe. Somado à mudança em uma concepção do conhecimento, o rompimento dos limites

[1] Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutor em Teoria e História da Comunicação, Mestre em Comunicação Social, Máster em Ciência, Tecnologia e Sociedade: Comunicação e Cultura. Professor do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica – EDUMATEC (UFPE), email: marcelo.sabbatini@pq.cnpq.br

espaço-tempo acena com um maior alcance do sistema educativo, somando-se à equação as necessidades formativas de um país em vias de desenvolvimento, marcado por um "atlas da exclusão social" (SCHLÜNZEN JÚNIOR, 2009).

A partir do Decreto Lei de no. 5.622, de 19 de dezembro de 2005, o governo federal passou então a incentivar a educação a distância, já prevista e definida pela LDB, em todos os níveis e modalidades da educação (GOMES. 2009), destacando a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), com o objetivo de ampliar a oferta de formação de professores, em um caminho de interiorização do ensino superior. Com seu início em 2006, a UAB pode ser considerada a "ponta de lança" desta estratégia (COSTA & PIMENTEL, 2009, p. 74).

Entretanto, diante de um legado cultural que sempre colocou a educação a distância como uma alternativa de baixa qualidade à educação e frente às dúvidas e incertezas que projetos que visavam mais a redução de custos que a adoção de uma nova forma de aprender e ensinar (LITTO, 2009), constata-se hoje uma percepção bastante crítica em relação à EaD. Segundo a Associação Nacional Pela Formação dos Profissionais da Educação – ANFOPE (ENANFOPE, 2002, p. 27-29), muitos desses cursos são "de qualidade duvidosa", "fábricas de diplomas", uma "forma de aligeirar e baratear a formação", fazendo com que a educação a distância se perceba como "política compensatória (...) dirigida a segmentos populacionais historicamente já afastados da rede pública de educação superior". Este cenário ocorre mesmo com a existência de diretrizes de qualidade (BRASIL, 2000) e de portarias publicadas pelo MEC visando regular a oferta na modalidade.

Mas afinal, que imagem se faz da educação a distância no Brasil? Buscando uma resposta, realizamos uma pesquisa de análise de conteúdo da mídia impressa, divida em dois momentos. No primeiro, foram analisadas as matérias publicadas em revistas de grande circulação; logo foi observada uma revista setorial orientada aos mantenedores, empreendedores e gestores de instituições privadas. Em conjunto, as análises tiveram o objetivo de identificar como se vem realizando esta cobertura e, consequentemente, qual sua contribuição para a conformação de um discurso a respeito da EaD no Brasil.

O DISCURSO MIDIÁTICO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Herdeiro das teorias das representações sociais provindas da Sociologia e da Psicologia Social, o campo de estudos da mensagem configura-se como um quadro teórico-metodológico adequado para o objetivo proposto. Assim, na medida em que produzem "fragmentos do real", que constituem importantes fontes de formação do imaginário, os meios de comunicação de massa "contribuem para a formação de tipificações, no momento em que publicam seus produtos –notícias, publicidades, propagandas– e influenciam de alguma forma a cultura, o costume e o conhecimento" (RIBEIRO, 2005, p. 18-19).

Assim, nesta criação da realidade social, a linguagem utilizada pelos meios de comunicação acaba tendo uma função de transcendência para a construção de novos referentes. Particularmente a educação a distância, hoje, também assume um papel de "solução" das mazelas de nosso sistema educativo por um lado, ao mesmo tempo que é percebida, devido a um claro viés histórico-cultural, como uma solução de menor qualidade, necessitando superar "uma série de preconceitos e barreiras políticas, ideológicas, culturais e tecnológicas" (SCHLÜNZEN JÚNIOR, 2009, p. 21.)

Já Lück (2008) ressalta que as novas tecnologias da Educação provocam reações diversas e contraditórias, que vão do otimismo exacerbado ao questionamento radical[3]. Estas posturas revelam os aspectos político-ideológicos que subjazem aos posicionamentos críticos. Neste sentido, a escolha das palavras, na elaboração do discurso jornalístico, não é algo neutro. Mais do que a terminologia, existem evidências de que a imprensa estabelece uma "ordem de discurso", para utilizar a terminologia de Foucault (2003), conforme "a esmagadora maioria dos conteúdos jornalísticos oferecidos à opinião pública é relato ou análise de acontecimentos planejados e controlados por instituições ou pessoas que decidiram promovê-los" (CHAPARRO 1994 apud CRIPA, 2009).

Como consequência, buscamos descrever como a mídia representa a educação a distância, tanto no âmbito da informação geral como especificamente em relação às iniciativas do setor privado. Esta última escolha se justifica pelo fato de ser este domínio o responsável em sua maior parte pela ampliação do número de vagas e pela massificação do ensino

[3]De certa forma, o sensacionalismo é esperado, como critério de seleção ou tratamento de notícias, como postulam algumas teorias comunicacionais situadas no campo da emissão, prevalecendo as "trepidações jornalísticas" que trazem interesse à notícia (CRIPA, 2007).

superior no Brasil (GOMES & MORAES, 2009), assim como por sua prevalência numérica em instituições, cursos e matrículas no âmbito da EaD (ABED, 2010).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Na tradição dos estudos dos estudos dos meios de comunicação, optamos pelo método da análise de conteúdo, buscando "detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos" (HERSCOVITZ, 2007, p. 123).

Em sua premissa (e daí a classificação como "método" e não como simples "técnica"), a ideia de que os produtos textuais de uma sociedade refletem a interpretação que esta faz de sua realidade. Neste sentido, o método passa a incluir o conceito de "inferência", em outras palavras, o pesquisador busca extrair uma consequência, a partir de conhecimentos lógicos sobre o emissor da mensagem, seu contexto, forma e intencionalidade, desvendando um conteúdo latente, mais além do manifesto (BARDIN, 1986).

Corpo e amostragem

O corpo da primeira etapa da pesquisa foi constituído pelas matérias publicadas em revistas de grande circulação no Brasil, entre publicações semanais e de divulgação científica e cultural: *Veja*, *Isto É*, *Galileu*, *Superinteressante*, *Nova Escola* e *Caros Amigos*. Como complementação, também foi analisada a matéria ganhadora do I Prêmio ABED-SENAI de jornalismo, realizado em 2009, publicada no jornal *Zero Hora*, totalizando doze textos. No segundo momento, o corpo de 70 textos foi constituído por matérias da revista *Ensino Superior,* uma publicação voltada a "diretores e mantenedores de instituições educacionais, principalmente da área particular de ensino superior", tratando de temas como "políticas educacionais, relações do setor com o governo brasileiro, temas pedagógicos e gestão nas escolas superiores". Como tal é uma iniciativa de uma editora privada e do Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (SEMESP), (ENSINO SUPERIOR, s.d.).

Em ambos casos, numa perspectiva de análise qualitativa, a amostra foi intencional, e portanto não aleatória, visando mais a compreensão do "como", em detrimento ao "quanto" ou "qual proporção" (DUARTE, 2005, p. 63). Foram utilizadas edições *online* das revistas, com a seleção de textos que tratassem significativamente da educação a distância,

identificados previamente através da busca de palavras-chave. Os textos resultantes foram considerados como as unidades de análise ou unidades hermenêuticas. Foi utilizado o software AtlasTi para a identificação e codificação dos conceitos, assim como para sua elaboração em famílias e redes conceituais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise dos dados, utilizamos a adaptação de uma tipologia de enquadramentos utilizada para a análise do tratamento de controvérsias científico-tecnológicas (VÄLIVERRONEN, 1998). Assim, como eixo principal de nossa categorização, destacamos a teoria do enquadramento entendido como o processo pelo qual os meios de comunicação contextualizam os acontecimentos sociais: (a) selecionando alguns aspectos de uma realidade percebida, que recebendo maior relevância em uma mensagem as destaca; (b) uma definição concreta, (c) uma interpretação causal; (d) um juízo moral e/ou (e) uma recomendação para seu tratamento (ENTMAN, 1993).

Legitimação

No enquadramento de "*legitimação*" observamos a aplicabilidade da EaD, como justificava para investimentos e financiamentos, público ou privados, no setor, assim como a adoção da modalidade por futuros alunos. Neste sentido, a elaboração interpretativa dos códigos gerados a partir de sua identificação nos textos e sua disposição em uma rede de relacionamentos apontou três conceitos dotados de grande densidade semântica. Em primeiro lugar, o perfil do aluno, ajustado às mudanças culturais e a emergência de uma "geração digital", o qual para ter êxito na educação a distância necessita de traços como responsabilidade, autonomia, comprometimento, maturidade e dedicação. Estas características se relacionam com outros conceitos legitimadores da modalidade, como são a maior empregabilidade do indivíduo formado e mesmo uma superioridade em relação à educação presencial. Esta primazia foi colocada em função dos resultados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e de uma meta-análise publicada nos Estados Unidos, além das evidências subjetivas de atores atuando no campo.

O segundo conceito de legitimação é a qualidade, permeando a discussão como um todo, mas principalmente relacionado ao enfoque de regulamentação do setor e de fiscalização governamental, no caso da revista *Ensino Superior*. Entretanto, "qualidade" é vaga e

multiplamente definida, prevalecendo de forma geral como a adequação aos parâmetros do Ministério de Educação (MEC). Surge também segundo uma noção de eficiência/efetividade/controle do processo educativo, ainda que estes parâmetros não sejam questionados em profundidade; neste sentido, os resultados das avaliações sistêmicas quando reportados, possuem muito mais a função de legitimar as iniciativas sendo realizadas no setor privado. Uma última concepção de qualidade diz respeito às práticas consideradas abusivas, associadas ao enquadramento de crítica.

Também cabe destacar elementos mais usuais, como a quebra da distância física, em sentido geográfico e espacial, mas também da distância temporal, entendida como limitação do tempo disponível, conceitos estes associados à própria definição de EaD e que originam uma percepção de flexibilidade e de praticidade ("ultrapassar as barreiras físicas", "sem muros e sem fronteiras"). De forma relacionada, os vários âmbitos de aplicação são contemplados sob a perspectiva de ampliação do setor. Embora o contexto de educação não formal/informal e da educação corporativa sejam frequentes, especificamente para o setor privado interessa a educação tecnológica/profissionalizante, atrelada a movimentos de globalização, à constituição de mão de obra qualificada e à empregabilidade, todos estes conceitos característicos do enfoque econômico.

Finalmente, a educação a distância é retratada como modalidade, com algumas alusões a seu desenvolvimento histórico, e não como fenômeno substitutivo do presencial. Neste sentido, a equivalência entre presencial e a distância é contemplada, assim como a tendência de convergência destes domínios, em um momento em que já se complementam através do conceito de "semipresencialidade": a aplicação da normativa dos "20%"[4], o processo de mudança cultural e a mencionada "geração digital", fazendo amplo uso das redes sociais como forma de interação com a realidade, são indícios desta aproximação.

Tecnológico

Diferentemente do que percebemos na produção científica sobre a educação a distância, onde o foco na tecnologia, entendida como ente autônomo, completa em si só, ocorre em detrimento do processo pedagógico (ROMIZOWSKI, 2003), o discurso midiático

[4]Referência à publicação da Portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, segundo a qual as instituições podem ofertar 20% das disciplinas ou do total da carga horária de um curso a distância.

proporcionou pouco atenção ao enquadramento que prioriza a tecnologia, destacando o uso da videoconferência como aproximação ao ensino presencial.

Além das mencionadas redes sociais, alguns textos apontaram para a emergência do *m-learning* ou *mobile learning*, fazendo uso da telefonia celular como potencial de ampliação da mobilidade e de inclusão social. Já a videoconferência como possibilidade de aproximação ao presencial foi um traço comum nas matérias de divulgação.

Para a mídia setorial do setor privado, o aspecto tecnológico é mais patente: além de um onipresente reconhecimento do avanço tecnológico e da inovação, as plataformas de ensino a distância ou ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) constituem um ponto de interesse. Além da menção de soluções comerciais como Blackboard, destaca a discussão sobre o uso de plataformas de *software* livre que permitiriam a redução de custos e maior flexibilidade de uso, sendo seu expoente o Moodle.

Pedagógico

O enquadramento pedagógico ressalta a contribuição da EaD em termos de "mediação pedagógica, interação e interatividade, conhecimento compartido, educar pela pesquisa, auto-formação, aprender a aprender, educação continuada, autonomia, professor coletivo, pesquisa colaborativa, formação em rede, etc" (PRETI, 2001).

Em contraposição ao enquadramento anterior, este resultou o segundo mais frequente (após a legitimação), com a existência de pelo três menos pontos de centralidade, com alta densidade semântica: modelo pedagógico, polos presenciais e a já mencionada convergência entre os âmbitos presencial e remoto. Em relação ao primeiro, embora o planejamento educacional seja reconhecido como importante, salvo algumas exceções os textos não aprofundam o "como fazer" da educação a distância, focando os elementos do processo pedagógico em si. Na mesma corrente, a utilização de elementos da teoria educacional, com referências explícitas a conceitos ou autores, é mais perceptível no discurso da mídia generalizada, especialmente nas revistas de divulgação científica.

Outro elemento de destaque, para a revista *Ensino Superior* os polos presenciais aparecem menos em uma perspectiva pedagógica, como forma de apoio ao aluno ou como recurso

necessário para desenvolver certas habilidades que bibliotecas e laboratórios possam proporcionar, do que na perspectiva de regulamentação/fiscalização característica do enquadramento político e o qual, no teor dos textos, mostra-se como um entrave para a expansão da modalidade. Por outro lado, nas revistas semanais esta presencialidade surge mais associada ao conceito de desconfiança em relação à "distância" da EaD.

Finalmente, para a operacionalização da modalidade também foi discutida a necessidade de transformar o papel do professor e de qualificá-lo adequadamente, ainda que muitas vezes em uma perspectiva de treinamento, de desenvolvimento de habilidades específicas do ensinar no âmbito digital e de mudança comportamental, mais que uma práxis pedagógica.

Impacto social

Neste enquadramento a produção da informação busca orientar o público em relação à interpretação dos fatos e de sua problemática, a partir de um ponto de vista mais amplo, reconhecendo as relações entre educação e outros aspectos da estrutura social.

Através da análise de conteúdo percebe-se a tecnologia como elemento aglutinador, operando como motor para a mudança cultural, resultado da inovação tecnológica e tendo como principal consequência o crescimento e expansão da modalidade. Neste ponto, a análise qualitativa revela uma posição que poderíamos classificar como "tecnologia autônoma", no sentido de que os textos expressam o caráter "inevitável" e "irreversível" da educação a distância enquanto modelo educativo a ser implantado.

Nas revistas de grande circulação, entretanto, percebe-se posições antagônicas de tecnofilia, com a educação a distância entendida como ferramenta de salvadora da educação, em um futuro estilo Matrix (em relação à aquisição imediata de informação) marcado por "maravilhas tecnológicas", e de tecnofobia. Esta categoria, por sua vez, origina-se do medo da substituição do professor pela tecnologia, em um processo de desumanização, associado ao grande número de alunos atendidos simultaneamente pela modalidade e pela massificação, característica do enquadramento de crítica.

Não menos importante, ainda que esteja relacionado à uma perspectiva de ampliação de mercado visada pelo setor privado, o tema da inclusão digital raramente foi contemplado.

Outro elemento que aparece de certa forma desconectado dos demais contextos trata da mudança das relações trabalhistas em função da emergência da EaD, tanto em relação à profissão docente como ao público da educação corporativa.

Política educacional

Este enquadramento interpretativo situa uma questão em um contexto mais amplo, discutindo suas causas e possíveis soluções, além da intervenção dos diversos atores sociais e políticos de forma organizada e sistematizada. A análise mostrou quatro categorias de maior frequência e densidade: o quadro legal que define e regula a educação a distância no Brasil, a fiscalização realizada pelo Ministério de Educação (MEC) –categoria de maior frequência, entre todas– a adoção de políticas públicas para o campo e a perspectiva de democratização da educação. Também são significativos os personagens ligados à administração pública, como a então candidata a presidente Dilma Rousseff, o na época ministro Fernando Haddad e o secretário de Educação a Distância do MEC, Fernando Mota.

Neste sentido, a cobertura da revista *Ensino Superior* traz como tônica geral a crítica e o rebatimento das ações regulatórias exercidas tanto no âmbito de leis e portarias, como da fiscalização realizada pelo MEC, entendidas como barreiras para a operacionalização dos projetos e da oferta do setor privado. Além de discutirem a adequação ou a pertinência de um único modelo pedagógico, calcado na UAB e baseado nos polos presenciais, os textos se referem a países como Estados Unidos ou Espanha, onde os maros regulatórios são mais flexíveis, com maior raio de ação e de inovação pedagógica. Cabe ressaltar que no período compreendido pela amostra, especificamente no ano de 2007, foi publicada a Portaria nº 2 que normatizou os polos presenciais, levando ao fechamento de muitos e afetando os planos de expansão de muitas instituições privadas.

Também foi interessante observar, que apesar da perspectiva empresarial característica desta revista, ações públicas como a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e os objetivos de democratização do acesso e de interiorização do ensino superior tenham sido frequentemente utilizados como justificativa para a adoção da educação a distância, respaldando a ação do setor privado. Contudo, a interpretação deixa claro que a universalização é benéfica para as instituições particulares, consistindo uma importante fatia de mercado a ser explorada e relacionada à expansão (ou à manutenção) do número de

matrículas. As perspectivas futuras do setor, depois de uma queda registrada devido à saturação do mercado e à crise financeira mundial, consistem em uma temática constante da cobertura. Consequentemente, os textos "cobram" a existência de políticas públicas que incentivem a ampliação e a massificação do sistema em direção às classes socioeconômicas emergentes, incluindo uma política de crédito/financiamento estudantil que contemple especificamente a EaD.

Econômico

A interpretação que este enquadramento suscita é o dos benefícios financeiros, assim como de investimentos e custos relacionados à modalidade de educação a distância. Ao contrário do que se pode observar nas revistas de grande circulação, trata-se do enfoque predominante na revista *Ensino Superior*.

Assim, a categoria de maior destaque é a de crescimento, com o uso frequente de dados censitários a respeito da "vertiginosa" expansão da EaD , além da ideia de oportunidade ou de "grande negócio" que se apresenta para o setor privado do ensino superior. A crise econômica e a entrada de grupos estrangeiros no país, com o aumento da competitividade, situam a educação a distância como uma ferramenta estratégica de posicionamento de mercado. Como elemento comum aos textos situados neste enfoque, a necessidade de se realizarem investimentos na modalidade, pautada pela promessa de lucratividade ou de taxas de retorno atraentes, diante da possibilidade de redução de custos.

Uma das tendências retratadas pela cobertura analisada foi a internacionalização, com a expectativa de expansão das atividades dos grupos nacionais a outros países. Neste ponto, os textos concordam na colaboração institucional como forma de ação, dada a complexidade deste movimento demandar a articulação de parcerias entre instituições de diferentes países ou regiões. Da mesma forma, a ação conjunta pode objetivar uma maior abrangência geográfica dos grandes conglomerados de ensino privado, com a instalação e a operação de polos presenciais em outros Estados do país. Neste enfoque também situamos um nexo com o enfoque crítico, na medida em que a redução de custos algumas vezes é associada à massificação e a uma possível precarização do ensino.

Crítica

Apesar da discussão em termos da eficiência/efetividade do modelo pedagógico da EaD, o enquadramento crítico assume uma perspectiva de refutar ou de reinterpretar os resultados da implementação da tecnologia educacional, sobretudo quando existam dados contraditórios ou quando reações emocionais ou ideológicas sejam provocadas.

Este enquadramento apresentou menor intensidade na revista *Ensino Superior*, se compreendemos que a educação a distância foi tratada, na tônica geral, de forma positiva e entendida como uma oportunidade de investimento. Assim, o antagonismo em relação à educação presencial não é percebido e elementos que suscitam o medo ou a desconfiança como o isolamento e a falta de afetividade nos contatos aluno-professor são mencionados apenas de passagem. Por outro lado, a replicação das atividades do modelo pedagógico presencial e a adoção de atitudes tradicionalistas aparecem como causadores da evasão na EaD, associados a uma precarização do ensino, de forma geral.

Nas matérias publicadas nas revistas generalistas, a desconfiança surge em destaque, na medida em que a suposta substituição do docente coloca o processo educativo em cheque, como forma desumanizada de ensino. Também eclode uma percepção de maior facilidade de se realizar um curso a distância. Por último, a voz dissonante caracterizada pela revista *Caros Amigos* relaciona privatização, mercantilização e massificação do ensino num contexto ideológico empresarial e como "formato encontrado pelos governantes para diplomar pobres em massa", em consonância com políticas internacionais globalizantes.

Já a menção do preconceito em relação à EaD é um elemento recorrente em ambos casos, embora mencionado como entrave ou como barreira aos projetos e iniciativas em curso e não como foco de uma crítica propriamente dita. Como origem deste preconceito, as reportagens identificam tanto o desconhecimento a respeito da modalidade como o reconhecimento de práticas abusivas no que se denominou "fábricas de diplomas".

CONSIDERAÇÕES

A partir dos conceitos de discurso midiático, de "ordem do discurso" e da teoria do agendamento (McCOMBS & SHAW, 1972) podemos perceber na cobertura da educação a

distância realizada pela mídia impressa diferentes posições a respeito dos rumos da educação a distância no contexto educacional brasileiro.

Os resultados obtidos no primeiro momento da pesquisa, com a mídia voltada para um público mais geral identificam uma dualidade na representação da educação a distância, de certa forma refletindo as mesmas preocupações expressas por estudiosos do campo, ao mesmo tempo que legitimam a modalidade, com a apresentação de seu modelo pedagógico, fundamentado na interação e na socialização, como garantia de efetividade/eficácia do processo. O resultado, um discurso complacente a respeito da educação a distância, sem que haja um aprofundamento de suas implicações sociais, da política pública e educacional que a fomenta ou mesmo das críticas que lhe possam ser formuladas.

Submissão destas mídias a interesses comerciais ou governamentais, entendimento da educação como responsabilidade do professor (ao operacionalizar o modelo pedagógico), maravilhamento diante da utopia tecnológica? Ou então a efetivação do contrário, de uma ideologia de esquerda radical, que não busca justificativas ou, segundo o critério jornalístico, a objetividade proporcionada pelos apresentação dos pontos de vista em disputa, de forma equilibrada?[5] Responder a estas perguntas escapa ao escopo deste trabalho, contudo, ao se tratarem de publicações de grande circulação, associadas a grandes complexos da indústria de comunicação (BUENO, 2007; CALBINO et al., 2009), esta pode ser a hipótese para futuras investigações. O que presenciamos entretanto é uma postura que perde a distância crítica de seu objeto.

Outro aspecto desta dualidade é a utilização de metáforas, auxiliando a comunicação de um processo complexo e, por outro, proporcionando uma mensagem emocional (LIKAPOULOS, 2002). Assim, identificamos três categorias centrais associadas ao uso de metáforas: desconfiança, mercantilização e precarização do ensino. Expressões como “mina de ouro”, “caça-níquel” “arapuca”, “conto do vigário”, “conto do vigário”, “supletivo de smoking”, “embromação” e “curso por correspondência” são associadas a uma imagem negativa da educação a distância

[5]Fazemos referência, logicamente, à reportagem da revista *Caros Amigos*, que utilizou somente como fonte de informação acadêmicos ligados à movimentos de classe e não envolvidos de qualquer forma com projetos de educação a distância; tampouco foram consultados representantes do setor privado, duramente criticado na peça. A polêmica suscitada fez com que a Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED publicasse em seu sítio Web uma resposta oficial, contestando a visão deste meio de comunicação.

Já na revista *Ensino Superior*, os enquadramentos privilegiam o aspecto econômico, com iniciativas de internacionalização, de ampliação de mercado e de redução de custos, assim como o enquadramento de política educacional, com a crítica das ações de regulamentação do MEC. Esta cobertura se encaixa em uma ideologia vigente, marcada pelo neoliberalismo e pela crença da inevitabilidade do avanço tecnológico e de suas consequências. Assim, o cenário de globalização e de alta competitividade, com a necessidade de formação de mão de obra altamente especializada justifica as iniciativas de internacionalização, de redução de custos e de ampliação de mercado atrelados à EaD; estas podem ser compreendidas como um reposicionamento estratégico das instituições privadas diante do cenário desafiador.

Contudo, as ações de regulamentação e de fiscalização da modalidade são retradas como entraves para o livre empreendimento no campo, ao ponto que do MEC e do quadro legal consistirem os principais temas retratados pela cobertura, ainda que pautados por uma preocupação pela qualidade e pela legitimação da modalidade. Esta cobertura também revela uma posição marcada pela lógica de racionalidade técnica na perspectiva de privatização e de liberalização e de desregulamentação do setor.

Em comum aos dois momentos de pesquisa, a visão crítica identificada na literatura que posiciona a EaD como uma alternativa de "segunda categoria" não é adotado. Pelo lado dos mantenedores o preconceito mencionado pelas matérias é visto como uma barreira, ainda que que o maior conhecimento sobre seu funcionamento, resultados iguais ou superiores dos egressos e a emergência de geração de "nativos digitais", com o tempo, levem a sua superação. Também cabe considerar o uso retórico do projeto UAB, tanto na mídia geral como na voltada para o setor privado, citada no contextos da política de ampliação de vagas e de interiorização do ensino superior como justificava e legitimação da modalidade.

A modo de conclusão, destacamos que a iniciativa das pesquisa relatadas pode se encaixar numa agenda de pesquisa mais ampla. Neste sentido, os estudos longitudinais que situem o corpo de pesquisa em períodos mais longos de tempo, a fim de se verificar a evolução do conceito EaD e de suas discussões associadas ou a análise de outros meios de comunicação setoriais, como por exemplo sindicatos de professores são algumas das possibilidades. Neste quadro metodológico, também contemplamos a elaboração de um conjunto de

indicadores que permitam a realização de análises comparadas e de estudos de tendências, para uma melhor compreensão da percepção social do fenômeno EaD.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (ABED). **Censo ead.br**. São Paulo: Pearson, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análisis de contenido**. Madrid: Akal, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Indicadores de qualidade para cursos de graduação a distância** [online]. 2000. Disponível em: <http://www.pr5.ufrj.br/curso_distancia/legislacao/Indicadores_de_Qualidade_do_MEC.pdf> Acesso em: 18 abr. 2009.

BUENO, Sinésio Ferraz. Semicultura e educação: uma análise crítica da revista Nova Escola. **Revista Brasileira de Educação** [online]. vol. 12, n. 35, 2007. pp. 300-307. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a10v1235.pdf>. Acesso em 12 mar. 2012.

CALBINO, Daniel *et. al*. Embates sobre a neutralidade na Educação: a formação ideológica do discurso da Revista Veja. **Contrapontos**, Itajaí, v. 9, n.1. Jan./abr. 2009, p. 81-94. Disponível em: <http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/977/835>. Acesso em 12 mar. 2012.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**. São Paulo, Summus, 1994.

CRIPA, Marcos Luiz. **A cobertura da Educação no jornal A Folha de São Paulo**: uma análise comparativa dos anos 1973 e 2002. (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo: 2007.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 63-83.

ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PELA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – Enanfope, 11., 2002, Florianópolis. **Documento final**... Florianópolis: Anfope, 2002.

ENSINO SUPERIOR. **A revista**, s.d. [online]. Disponível em: <http://revistaensinosuperior.uol.com.br/revista_desc.asp>. Acesso em 4 abr. 2012.

ENTMAN, Robert. Framing: toward a clarification of a factured paradigman. ***J*ournal of Communication**, v. 1, 26 nov, 1993, p. 51-58.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2003.

FORMIGA, Marcos. A terminologia da EAD. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos. (orgs.) **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education, 2009.p. 21-27. pp 39-46.

GOMES, A. M. ; MORAES, K. N. A Expansão da educação superior no Brasil contemporânea: questões para o debate. In: 32a. Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, 2009, Caxambu-MG. **Anais da 32a. Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação**, 2009. v. 1. p. 1-17.

GOMES, Candido Alberto da Costa. A legislação que trata da EAD no Brasil In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos. (orgs.) **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education, 2009.p. 21-27.

HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: EditoraVozes, 2007,

LIKALOPOULOS, Miltos. Pandora's Box or panacea? Using metaphors to create the public representations of biotechnology. **Public Understand of Science**, n. 11, p. 5–32, 2002.

LITTO, Frederic. O retrato frente/verso da aprendizagem a distância no Brasil 2009. **ETD – Educação Temática Digital, Campinas**, [online] v. 10, n. 2, p. 71-90, jun. 2009. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/20220>. Acesso em 13 out. 2010.

LÜCK, Esther Hermes. Educação a distância: contrapondo críticas, tecendo argumentos. **Educação** [online], Porto Alegre, v. 31, n. 3, p. 258-267, set./dez., 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/4480>. Acesso em 3 nov. 2010.

McCOMBS, Maxwell., SHAW, Donald. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quaterly**, n. 36, p. 176-187, 1972.

OLIVEIRA, Eliana et al.. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional** [online], Curitiba, v. 4, n.9, p.11-27, maio/ago. 2003. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO/view/?dd1=637>. Acesso em 11 jan. 2011.

PRETI, Oreste. A formação do professor na modalidade a distância:(des)construindo metanarrativas e metáforas. **Revista Brasileira de Estudos da Pedagogia** [online], v. 82, n. 200/201/202, p. 26-39, jan.-dez., 2001, Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/cecemca/EaD/artigos/ead_rbep_200.pdf>. Acesso em 3 nov. 2010.

RIBEIRO, Juliana Colussi. **Jornalismo regional e construção da cidadania**: o caso da Folha da Região de Araçatuba. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista, 2005.

ROMIZOWSKI, A. O futuro do e-learning como inovação educacional: fatores influenciando o sucesso e o fracasso e projetos. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância (RBAAD)**, [online], v. 2, n. 2, 2003.

SCHLÜNZEN JUNIOR, Klaus. Educação a distância no Brasil: caminhos, políticas e perspectivas. **ETD – Educação Temática Digital**, [online] Campinas, v.10, n.2, p.16-36, jun. 2009. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1953>. Acesso em 13 out. 2010.

VÄLIVERRONEN, Esa. Popularizers, interpreters, advocates, managers and critics: representing science and scientists in the media. In: **5**th International Conference on Public Communication of Science and Technology, Berlim, 16-19 set.1998. **Proceedings**...Berlim: PCST Network, 1998.